

Coluna do Castello

Maílson diz que apertou os botões

De Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda, recebi a seguinte carta:

"Sua coluna de 19 deste mês registra a versão do economista Francisco Lopes sobre fatos relacionados com o Plano Bresser, incluindo uma avaliação sobre o período em que estive à frente do Ministério da Fazenda. Em respeito ao prestígio de sua coluna e para restabelecer a verdade perante a história, permito-me fazer o registro que se segue.

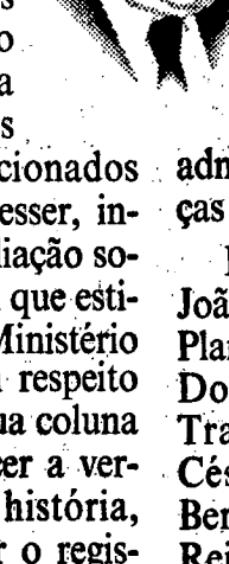
Servi 30 anos ao governo, numa carreira que começou no Banco do Brasil e que me levou a assumir diversos cargos no setor público, a integrar equipes de assessoramento direto de dois presidentes daquele banco e de quatro ministros de Estado, a uma passagem de dois anos como diretor de um banco em Londres e finalmente à honrosa posição de ministro da Fazenda.

Aprendi, durante esse período, a não reagir a certas críticas. Não posso deixar de fazê-lo, todavia, quando está em jogo a interpretação de fatos da vida nacional nem diante da maneira desprimatorosa com que o sr. Francisco Lopes se refere ao meu trabalho, segundo ele o de um mero *piloto substituto* do Plano Bresser, cujo titular já 'havia calibrado adequadamente todos os comandos do avião'.

Como o sr. Lopes, também participei da elaboração do Plano Bresser. À época, exercia o mais alto cargo na equipe do ministro Bresser, o de seu secretário-geral, e fui incumbido por S. Exa. de coordenar os estudos que resultaram importantes mudanças institucionais: a unificação orçamentária, a extinção das funções de fomento do Banco Central e a transferência, para o Ministério da Fazenda, da administração da dívida pública da União.

Vivi os principais momentos do plano, que ao contrário do que se deseja fazer crer não é de autoria do sr. Lopes. S. Exa. havia proposto a *otimização* da economia, uma idéia acadêmica que revelava profundo desconhecimento de como funcionam a economia e as relações contratuais numa sociedade organizada. Rejeitada a proposta, o trabalho de formulação do plano, sob direta orientação do ministro, coube a um grupo integrado pelo sr. Lopes e por técnicos com vivência em políticas governamentais, dos quais se destacam Yoshiaki Nakano, Cláudio Adilson Gonçalez, André Calabi, Francisco Milliet, Ricardo Santiago, Adroaldo Moura da Silva, Alkimar Moura, Luiz Aranha Corrêa do Lago, Fernando Dall'Acque e eu próprio.

Honrado com o convite do presidente José Sarney, de quem sempre recebi apoio e prestígio, assumi o Ministério da Fazenda no final de um difícil período de transi-



ção para a democracia, num governo sem base parlamentar e durante a fase de elaboração da nova Constituição, que como se sabe criou insuperáveis problemas para a administração das finanças da União.

Dividi com o ministro João Batista de Abreu, do Planejamento, a ministra Dorothéa Werneck, do Trabalho, e com Paulo César Ximenes, Mário Berard, Wadico Bucchi, Reinaldo Mustafa, Luiz Antonio Gonçalves, Cid Queiroz, João Batista Camargo, Cláudio Adilson, Michael Gartenkraut, Olyntho Campos e outros valorosos auxiliares, muitos dos quais participantes da execução do Plano Bresser, a espinhosa tarefa de administração econômica durante os 27 meses finais do governo Sarney.

É irrefletido dizer que, na situação em que nos encontrávamos e contando com uma equipe na sua maioria integrada por pessoas com mais de 20 anos de experiência no setor público, nos limitamos a 'deitar na cama feita por Bresser', a não apertar qualquer botão de um imaginário avião e a terminar com o mais fracassado dos planos de estabilização econômica. Significa desconhecer, por exemplo, o duro trabalho de contenção do déficit público (em 1989 à metade do previsto e em 1990 ao mínimo possível), enfrentando as mais severas restrições institucionais e políticas. Aliás, é o próprio sr. Lopes quem reconhece, no boletim de novembro de 1990, de sua empresa Macrométrica, que 'a comparação dos resultados de 1988 e 1989 revela um expressivo esforço de ajuste fiscal realizado no último ano do governo Sarney, maior mesmo do que o realizado até agora pelo governo Collor e que a rigor criou as bases para o superávit deste ano'.

O sr. Lopes, que jamais exerceu cargo público e tem dedicado grande parte de sua vida à nobre tarefa de ensino e pesquisa na universidade, procura desmerecer o trabalho de um grupo de pessoas que lutou em circunstâncias adversas, no meio de uma eleição presidencial e sem instrumentos adequados de política econômica. Foi o esforço dessa equipe, sob a liderança do presidente, que evitou a perda total do controle sobre os preços, permitindo a realização das eleições em ambiente de normalidade possível na economia.

O trabalho dessa equipe foi injustamente reduzido pelo sr. Lopes a uma tarefa de mediocres, guiados por uma simples atitude de passividade. É um exagero revelador das dificuldades que ele enfrenta para apreciar de forma apropriada fatos da história recente do país."

Pela transcrição,

Carlos Castello Branco